

TRADUÇÃO/TRANSLATION A ALDEIA BORORO¹

Cesare ALBISETTI
Oswaldo Martins RAVAGNANI²

1. Apresentação

O salesiano Pe. César Albisetti nasceu em 1888. Viveu 89 anos, dos quais 63 entre os índios Bororo, no planalto central de Mato Grosso, nas Missões do Sangradouro e do Meruri. Foi missionário e diretor, além de pesquisador em tempo integral da cultura bororo. Chegou à Missão do Sangradouro em 1914 e aí faleceu em 28 de dezembro de 1977. Foi sepultado no cemitério da própria Missão.

A partir de 1919, os salesianos do Meruri e Sangradouro começam a publicar uma série de trabalhos etnográficos de alto nível sobre a cultura bororo. Numa primeira fase, o Pe. Antônio Colbacchini (1881-1960) publicou: *A tribu dos bororos* (1919), *I Bororos orientali "Oranimugudoge" del Matto Grosso* (Brasile); *Contributi scientifici delle missioni salesiane del venerabile Don Bosco* (1925), *À luz do Cruzeiro do Sul. Os índios Bororos—Oraro do planalto oriental de Mato Grosso e a Missão Salesiana* (1939), *A catequese dos índios Bororo nos sertões de Mato Grosso* (1942), e, em co-autoria com Pe. César Albisetti, que, com esta obra, se inicia nas pesquisas sobre os índios Bororo, publica seu último livro: *Os Bororos Orientais Oranimogodógue do planalto oriental de Mato Grosso*, no mesmo ano de 1942. A imprensa completa dessas obras, um comentário crítico e largos elogios se encontram em Herbert Baldus, *Bibliografia crítica da etnologia brasileira*, v. 1.

A segunda fase contém os trabalhos do Pe. César Albisetti, continuador das pesquisas do Pe. Colbacchini. Publicará, sozinho, três trabalhos: *Estudos e notas complementares sobre os Bororos Orientais. Contribuições missionárias* (1949), *Il villaggio bororo* (1953), e *Nótulas morfemo-etimológicas de língua bororo* (1955). A

1. ALBISETTI, C. *Il villaggio bororo*. *Anthropos*. Suíça, v. 48, (1-2), p. 625-30, 1953.

2. Tradução do Italiano, notas e apresentação – Departamento de Antropologia, Política e Filosofia – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – Araraquara/SP.

partir daqui, já com algumas décadas de vida entre os índios Bororo, e como o maior conhecedor dessa cultura, parte para o vôo mais alto dos salesianos em pesquisa científica. Aliado ao Pe. Angelo Jayme Venturelli, iniciarão um imenso projeto: A *Enciclopédia bororo*, planejada para quatro densos volumes.

Começa assim a terceira fase das publicações salesianas sobre os Bororo. *Enciclopédia bororo*: vocábulos e etnografia (1962). Sobre este 1º volume Herbert Baldus, op. cit., p. 47 escreveu: "Obra monumental que, pela abundância das informações nela contidas e pela exatidão de sua apresentação, honra os salesianos, seus autores, e os índios que com eles colaboraram". Também Lévi-Strauss tecerá comentários elogiosos em *Mythologiques: Le cru et le cuit*. Em 1969, aparece *Enciclopédia bororo*. Volume II. Lendas e antropônimos, elogiado por todos os antropólogos que comentaram a obra. Finalmente, em 1976, saiu *Enciclopédia bororo*. Volume III. Parte I: Textos dos cantos de caça e pesca. A apresentação foi de Lévi-Strauss.

No ano seguinte faleceu o pesquisador Pe. César Albisetti. Muito provavelmente Pe. Angelo Jayme Venturelli continuará a publicar as outras partes do 3º volume e o 4º volume prometidos da *Enciclopédia*.

Como se vê, os trabalhos dos salesianos a respeito dos Bororo mantêm uma continuidade de mais de meio século. Os autores foram com o tempo se especializando no conhecimento da cultura, na coleta e na análise do material empírico. Os trabalhos publicados foram paulatinamente se aprofundando nos mais variados aspectos da cultura indígena. Deste modo, se explica a presente tradução de um trabalho publicado em 1953. Em todo o *continuun*, era o único em língua estrangeira. E seu próprio valor intrínseco o justifica. Sobre ele escreveu Herbert Baldus na *Bibliografia crítica da etnologia brasileira*, vol. II, p. 46: "Esta descrição da aldeia bororo é, antes de tudo, uma importante contribuição à etno-sociologia". Com o tempo *Il villaggio bororo* se tornou um clássico da etnologia brasileira.

2. Tradução

A descrição da aldeia bororo *Bóe éua* está tão estreitamente ligada à divisão e à subdivisão da tribo em metades e famílias, que falar de uma coisa é falar também da outra. Esta instituição é antiga, anterior ao dilúvio da lenda bororo.

Diz a fábula que um tal *Meriri-ppóro*,³ da família dos *Páivoe* e por isso da metade *Tugaréque*, foi a causa de uma inundação geral porque flechou o espírito *Jaccoméa*.

3. Nas palavras bororo segui a ortografia e a pronúncia italiana, com estas exceções:

1) ja, je, ji, jo, ju, se pronunciam respectivamente: già, ge, gi giù, giù.

2) xa, xe, xi, xo, xu, se pronunciam respectivamente: cià, ce, ci, ciò, ciù

3) gue, gui, se pronunciam respectivamente: ghe, ghi.

4) que, qui, se pronunciam respectivamente: che, chi.

5) O acento agudo indica apenas a sílaba tônica e não a pronúncia fechada da vogal.

Ninguém se salvou, exceto *Géringui-ottogívu* que, agitando um tição aceso, avançou o cume de um morro coberto pelas águas. Dali jogou no elemento líquido uma pedra abrasada no fogo alimentado pelo seu tição e viu que aquele começou a diminuir. Jogou outras com resultado tão prodigioso que em breve a terra reemergiu.

Descido do morro se dirigiu ao lugar da aldeia: tudo estava deserto. Gritou, assoviou, mas ninguém respondeu: estava só. Mas eis que sobre a terra lamacenta apareceram pegadas de um cervo. Chamou-o com um assovio e, para grande alegria sua, ele lhe respondeu e se lhe apresentou pouco depois. Era uma fêmea. Com ela se uniu e teve filhos e filhas. Os primeiros nascidos tinham algum vestígio hereditário da mãe: os últimos eram já bororo perfeitos.

Então *Geríngui-ottogívu* os dividiu e subdividiu, como antes do dilúvio, em *Iugaréque*, *Exxeráe* e em clã, segundo o gráfico e esquema anexos.

Os Chefes

Através das lendas sabemos que antigamente os chefes pertenciam às famílias dos *Aróroe* e dos *Appibboréque*, mas depois foram *Baaddogebbáque* porque o chefe *Appibboreguéddu*, *Accarúio Boróque*, antes de partir para uma longa viagem, cedeu o poder a *Accarúio Boccoddóri*, da atual família dos *Baaddogebbáque* que são *Exxeráe* e com os quais permaneceu, porque *Accarúí boróque* (sic) não retornou mais.

O poder é hereditário por via direta materna, de modo que o pai de um chefe não tinha tal poder. No caso de um chefe se mostrar indigno do cargo, não é deposto, mas elegem um outro chefe ao qual prestam obediência. Os *Baaddogebbáque* são reconhecidos como chefes quando é solenemente confiado a eles o *báppo-rógu*, instrumento com o qual acompanharão os cantos e as danças.

O nome *Baaddogébbá* (no plural é *Baaddogebbáque*) significa “construtor da aldeia” e não só materialmente, mas também pelo dever que tem de zelar pela obediência das tradições. A autoridade dos chefes é normal. Não dispõem de força, de sanções. Uma repreensão feita publicamente nos discursos que costumam fazer durante a noite é o máximo castigo. Habitualmente o indiciado se afasta em busca de uma outra aldeia. Tem muita importância a ascendência pessoal, originária da própria coragem e valentia nas caçadas e nas guerrilhas contra tribos inimigas ou contra os brancos.

Esquema da subdivisão das famílias com o nome do chefe de cada uma e o lugar que deve ocupar na própria cabana.

Exxeráe

Baaddogebbágue xobbuguíúgue: Accarúio boccoddóri, 1º chefe, ocupa o primeiro lugar que está em direção à cabana dos *Boccoddóri exxeráe*; 2º *Mamuiáugue exxéba*; 3º *Bóro cuádda*; 4º *Qué exocébbba*, chefes dos grupos individuais.

Boccoddóri exxeráe: *Aroguá*, 1º chefe, ocupa o primeiro lugar em direção à cabana dos *Baaddogébbba xobbuguíúgue*; 2º *Cuogóri piggiu*; 3º *Occógue erúgo*, chefes dos grupos individuais.

Quié: *Qui baccoróro*, 1º chefe, ocupa o primeiro lugar em direção à cabana dos *Baaddogébbba xebbeguíúgue*; 2º *Qui xeréu*; 3º *Tóro accáddu*, chefes dos grupos individuais.

Baaddogebbágue xebbeguíúgue: *Baccoro cúddu*, 1º chefe, ocupa o primeiro lugar em direção à cabana dos *Aróroe*; 2º *Eviríga*; 3º *Uabboréu*, chefes dos grupos individuais.

Tugarégue

Aróroe xobbuguíúgue: *Birimóddu*, 1º chefe, ocupa o primeiro lugar em direção à cabana dos *Appibborégue*; 2º *Baccúro*.

Aróroe xebbeguíúgue: *Nabbúre cugúiri*, 1º chefe, ocupa o primeiro lugar em direção à cabana dos *Baaddogebbágue xebbeguíúgue*; 2º *Mottogébbba*.

Tuaguddúdogue: *Taddúgo*, 1º chefe, ocupa o primeiro lugar em direção à cabana dos *Aróroe xebbeguíúgue*; 2º *Jaccoméa cuádda*; 3º *Jurerevárae*; 4º *Buttoeagáddu*; 5º *Tugó cujaguréu*; 6º *Xibbaia*, chefe dos grupos individuais.

Appibborégue: *Accarújo boróque*, 1º chefe, ocupa o primeiro lugar em direção à cabana dos *Aróroe xobbuguíúgue*; 2º *Aoccugógu curiréu*; 3º *Curugúga cúddu*, chefes dos grupos individuais.

Páivoe: *Baipporó*, 1º chefe, ocupa o primeiro lugar em direção à cabana dos *Appibborégue*; 2º *Meriri curiréu*; 3º *Joccurúgua*.

Disposição da aldeia

A aldeia é construída em um lugar de vegetação baixa e rara, próxima a um curso d'água. Não é instalada no interior da floresta, a não ser que seja por pouco

tempo, para uma incursão⁴ de caça ou pesca. É de se notar que até em uma simples parada de uma noite se dispõem na mesma ordem de uma aldeia regular.

Escolhido o lugar, é cuidadosamente limpo e a primeira coisa que se faz é estabelecer a posição do *bái-mánna-gueggéu*, casa central, que deve ser o centro de uma vasta área mais ou menos circular, sobre cuja circunferência serão construídas as cabanas. Esta casa central (casa dos homens) é a maior que todas as outras, de forma retangular e de tamanho proporcional ao número de homens.

O cume orientado, segundo a direção leste-oeste, se apóia sobre duas ou mais estacas resistentes à umidade e à ação devoradora das formigas. Nos quatro ângulos da casa estão outras tantas estacas, intercaladas com outras, sobre as quais se apóia horizontalmente uma trave que marca o perímetro da cabana. Sobre elas são amarrados, com lianas ou fibras de vegetais, os sarrafos que descem do cume e sobre os quais apóiam listéis de bambu ou varas longas e finas. Folhas de palmeira, com a parte grossa quebrada, são lançadas a cavalo do cume e as extremidades, se ultrapassam as chaves inferiores, são cortadas: assim é formado o telhado de duas águas.⁵ Outras folhas apoiadas no terreiro formam as paredes externas. Do lado leste e oeste, que estão fechados com folhas de palmeiras, se abrem as portas pelas quais passam, a leste, os *Tugaréque* e a oeste, os *Exxeráe*. Uma porta maior se abre para o lado norte, em um espaço chamado bororo, praça, que na ocasião de certas festas e danças proibidas às mulheres é fechada com folhas de palmeiras. Aí se faz também a sepultura provisória do cadáver, à espera de sua decomposição.

No interior da casa central, a metade do lado oriental é dos *Tugaréque* e a do lado ocidental é dos *Exxeráe*. No centro há um retângulo virtual, reservado aos chefes que, neste caso, não são somente *Baaddogebbáque*, mas também aqueles que na opinião comum são muito estimados, seja qual for a família a que pertençam.

Esta grande casa central serve para a celebração de muitas festas e danças; as mulheres e as meninas somente podem entrar ali em determinadas circunstâncias, fora das quais não lhes é permitido, sob pena de serem consideradas pessoas libertinas. Ali os homens passam grande parte do dia – quando não vão à caça ou à pesca – confeccionando arcos, flechas, ornamentos, redes de pesca e, ainda, em conversas ou dormindo. Vão às suas casas quase só ao anoitecer, enquanto os jovens ainda não-casados passam também a noite no *bai-manna-gueggéu*, que é o verdadeiro centro social e religioso, porque o médium das almas e o dos espíritos exercem ali muitas funções e porque ali se dão os banquetes religiosos, nos ritos fúnebres.

4. O autor emprega o termo *raid*. (N. T.)

5. *Tetto a due displuvi*. (N. T.)

Casas ou cabanas e habitantes

Quando se fala de família de uma tribo indígena, não é sempre em sentido estrito: muitas vezes a palavra indica um conjunto de famílias, chamadas também de clã, as quais têm por chefe de linhagem um totem, animal ou planta. Das oito principais famílias bororos, seis têm como totem um animal e duas, uma planta, como se pode verificar mais à frente. Estes animais ou vegetais, porém, não gozam de nenhum privilégio: os matam e se alimentam deles sem escrúpulo ou prejuízo dos outros direitos.

Para os bororos a família, ainda no sentido estrito da palavra, não indica a pequena sociedade doméstica do pai, mãe e filhos. A mãe e os filhos fazem parte de um grupo totêmico no qual reina a mulher com o matriarcado e o homem ali se encontra sempre um pouco mal, porque não conta em nada. De fato a casa é da mulher e ela ali é a patroa; os filhos são da mulher. O homem fica pouco tempo em casa e não faz parte da família bororo da mulher. Ele é de um outro clã, de metade oposta, ao qual está sempre ligado e ao qual retornará quando não for mais bem-vindo à companheira.

Em cada cabana (*bái*) está mais de uma família, ou melhor, podem estar muitas, ocupando cada uma o lugar estabelecido pela tradição, mas não há nenhuma divisão material. Um esquema indica o chefe e o lugar de cada grupo na cabana.

Em uma casa as famílias são tantas quantos forem os fogões, ou melhor, os fogos, ao redor dos quais trabalha a mulher cozinhando palmito,⁶ fruta ou o produto de caça ou pesca do esposo, em um grande recipiente de terra cozida, chamado *aríá*. Grandes cachos de coco estão espalhados ao redor, misturados às coisas mais heterogêneas, como ossos descarnados, cascas, folhas, lenha, carvão, cinza, onde está acororado o cachorro e, lentamente vai girando a arara (grande papagaio doméstico) ou outros papagaios menores, que também fazem parte da família. Tudo é desordem e imundície.

Freqüentemente acima do fogo está um jirau⁷ de bambu ou de varas, *cámo*, sustentado por quatro paus fixos no terreno. Sobre ele colocam carne e peixe para os conservar defumados. Em algumas cabanas se pode ver uma espécie de cama feita de bambu ou de pau, *camaréu*, apoiada sobre estacas bem fixas no chão. Serve para estender ali peles de felinos ou a esteira para dormir, mas também ali dominam a desordem e a imundície. Quem não tem esta cama dorme no chão, sobre uma esteira ou sobre uma pele de animal, próximo ao fogo, que é conservado sempre aceso.

Existe ainda um outro jirau sustentado por quatro paus, bastante elevado, para guardar o arco e a flecha, a rede de pescar e outras coisas parecidas. Em um plano inferior ao mesmo a mulher deposita cestos, material para enfeitar a cintura⁸ e outras

6. No texto *midolli di palme*. (N. T.)

7. *Graticcio*, no texto. (N. T.)

8. *Materiale per le cinture*. (N. T.)

coisinhas. O grande ornamento da cabeça, o *parico*, com a lembrança,⁹ *poári*, de um defunto, é pendurado nas ripinhas do teto.

Pela disposição das cabanas, também elas de forma retangular e feitas sobre o modelo do *bái-máanna-gueggéu*, se observa o gráfico da aldeia. É de se notar que duas famílias ficaram divididas: a dos *Baaddogebbágue*, dos quais uma parte permaneceu no ocidente e a outra no oriente, invadindo a área dos *Tugarégue* e a dos *Aróroe* que ficaram parte à direita e parte à esquerda dos *Appibborégue*.

Estudiosos de etnografia terão talvez, nas mãos, gráficos ou descrições de aldeias bororos e poderão perguntar-se o motivo de certas discordâncias. Direi que os informantes indígenas respondem simplesmente às perguntas que se fazem a eles e não vão além disso, de modo que as coisas são descobertas com trabalho, pouco a pouco e às vezes por puro acaso. Observa-se, porém, que os diversos gráficos têm uma base que sempre se conserva, à medida que se completa e aperfeiçoa.

Os argumentos até agora não são muitos e, talvez, o mais antigo é aquele de Colbacchini (op. cit., s.d.). Segundo ele, depende da inclinação do terreno a denominação *Xobbuguiúgue*, aqueles de cima e *Xebbeguiúgue*, aqueles de baixo. Para Lévi-Strauss tal divisão deriva da direção do curso do rio, próximo ao qual estava localizada a aldeia por ele estudada sobre as margens do rio Vermelho.

Mas não parece que isto possa ser exato, dado que todas as cabanas bororos, qualquer posição que ocupem, têm sempre a subdivisão *Xebbeguiúgue*, *Xobbuguiúgue* e também *Boeiaddaddaúgue*. Tais denominações não dependem de acidentes geográficos, mas de outro fato que é a posição dos moradores de cada habitação em relação a *Itubbóre*, leste, e *Baccoróro*, oeste. Os grupos de indivíduos que na cabana ocupam a parte oriental são *Xobbuguiúgue* e os que ocupam a parte ocidental, *Xebbeguiúgue*. Tal interpretação já se encontra em Colbacchini & Albisetti (1942). Eles, porém, incidiram na inexactidão de considerar *Boeiaddaddaúgue* em todos os clãs, exceto os *Baaddogebbágue*. Estes do meio, ou seja, os que se encontram entre "os habitantes de cima" e "os habitantes de baixo" se percebem apenas no clã dos *Boccoddóri exxeráe*. A diversidade numérica dos clãs, citada por vários autores (v.g. Colbacchini, s. d. e Lévi-Strauss, 1936), se pode explicar pelas múltiplas subdivisões dos mesmos clãs, que trazem ao estudioso grande confusão, ainda mais estimulada pela multiplicidade de nomes que podem indicar uma mesma subdivisão de clã. Por exemplo: *Xobbuguiúgue*, os habitantes de cima; *Cujagurégue*, os vermelhos; *Cugurirégue*, os menores; *Ettuviemágue*, os irmãos mais jovens, são todas palavras que indicam o mesmo grupo e indivíduos de um clã.

Também Rondon (1948) propõe um esquema que não resiste à crítica. Apresenta três fileiras elípticas de cabanas, das quais setenta e três são *Tugarégue* e sessenta e sete *Exxeráe*, com nomes cuja maior parte são nomes próprios de pessoa e não de clã.

9. *zucchetta-ricordo*. (N. T.)

Significado e etimologia de algumas palavras bororo, usadas no texto

- Appibborégue* – et. *appi* (= *áppe*), coco de uma palmeira + *bo* (= *do*), fazer + *gue* suf. pl.: a palmeira que produz o coco *áppe*; sing. *appibboreguéddu* – Família da metade *Tugarégue* que tem por totem a palmeira *Attalea* sp.
- Aróroe* – sing. *aroróéddu* – Família dos *Tugaréque*, que tem por totem uma lagarta de cabeça vermelha e o corpo com anéis vermelhos e pretos.
- Baaddogebbágue* – et. *baa*, aldeia + *ebba* (= *eppa*), para + *gue*, sufixo do plural; sing. *baaddogébba* – let. aqueles para a aldeia, isto é, Construtores de aldeia.
- baí* – et. vide *éua* (= *euái*). *Bái*, flexão, é a terceira pessoa/singular, sem pronome, enquanto *euái* é a terceira do plural, com o pronome *e* – Casa.
- bái-mánna-gueggéu* – et. *bái*, casa + *mánna*, praça + *guégge*, sobre (= *na*) + *u*, que – Casa que está na praça, isto é, Casa central.
- baippóro* – et. *bái*, casa + *póro*, buraco – porta.
- boccoddóri* – et. *boccóddo*, intumescência + *ré*, dura – Tatu, *Priodontes giganteus*, assim chamado pela forma arredondada com a qual se apresenta. É o totem do clã homônimo.
- bóe* – vocábulo de significado muito amplo, capaz de indicar qualquer coisa animada inanimada. Os bororos costumam chamar a si próprios *Bóe*, se bem que o nome de uma parte seja *Orári mógo dógue*, que quer dizer: do peixe *orári* habitantes, isto é, habitantes dos lugares onde existe o peixe *orári*.
- Boeiaddaddaúgue* – et. *bóe*, indivíduos + 1 (= *ei*), eles + *dadda* (= *tadda*), dentro + *u*, aquele + *que*, suf. pl. – Aqueles que estão no meio, isto é, aqueles do centro. São os habitantes da cabana que ocupam o lugar entre os *Xebbeguiúgue* e os *Xobbuguiúgue*.
- Cuguriréugue* – et. *cugúri*, pequeno + *ré*, é + *nu*, que + *que*, suf. pl. – Aqueles que são pequenos, isto é, os menores.

- Cujagurégue* – et. *cujágu*, vermelho + *ré*, é + *u*, que + *que*, suf. pl. – Aqueles que são vermelhos, isto é, os vermelhos.
- Curirégue* – et. *cúri*, grande + *ré*, é + *u*, que + *que*, suf. pl. – Aqueles que são grandes, isto é, os maiores.
- Ettuvie-mágue* – et. *et*, eles + *u*, seu + *vie*, irmão mais jovem + *mágue*, suf. pl. – Irmãos mais jovens, isto é, os mais jovens.
- éua* – et. *e*, seu + *ua* (= *uai*), folha de palmeira – A sua folha de palmeira, isto é, a sua casa, ou melhor, a sua aldeia. Usam a parte pelo todo.
- Exxeráe* – et. *éxxe*, a eles % *ra*, canto + *e*, sufixo do plural – Os cantos a eles, isto é, aqueles que possuem os cantos. É a metade norte da aldeia.
- Ivagúddudógue* – et. *ivagúddu*, corvo + *dógue*, sufixo do plural; sing. *ivaguddudoguéddu* – Família dos *Tugarégue* que tem por totem o *ivagúddu*.
- Páivoe* – et. *pai* Allouata caraya; sing. *paivoéddu* – Família dos *Tugarégue* que tem por totem o *pai*.
- póbbu* – espécie de serrasalmonineo, que é o totem dos *Baaddogebbágue xebbeguiúgue*.
- pogóbbu* – cucurbitacea dos bosques. É o totem dos *Baaddogebbágue xobbuguiúgue*.
- Quiée* – et. *qui*, anta + *e*, sufixo do plural; sing. *quiéddu* – Antas – Família dos *Exxeráe*, cujo totem é a anta, *Tapirus americanus*.
- Tugarégue* – et. *tugo*, flecha + *are*, possuidores + *gue*, sufixo do plural; sing. *tugaréguéddu*; Os possuidores da flecha. É a metade sul da aldeia bororo.
- Xebbeguiúgue* – et. *xebbégui*, de baixo + *u*, que + *gue*, sufixo do plural – Aqueles de baixo; sing. *xebbeguíu*. São os habitantes de qualquer cabana que ocupam o seu lado oeste.
- Xobbuguiúgue* – et. *xobbúgui*, de cima + *u*, aquele + *gue*, sufixo do plural – Aqueles de cima; sing. *sobbuguiú*. São os habitantes de qualquer cabana que ocupam o seu lado leste.
- Xorégue* – et. *xo*, negro + *re*, é + *u*, que + *gue*, sufixo do plural; sing. *xoréu* – Aqueles que são negros, isto é, os negros.

3. Notas do tradutor

3.1 Lenda de Jokurugwa ou Meririporo

Lenda da inundação geral

Em remotíssimas épocas, os índios fizeram no rio, um pari, *kago*, e um homem, um tal Jokurugwa (esplendor dos olhos), foi ver se na rede havia muitos peixes. Qual não foi, porém, a sua surpresa ao encontrar o espírito *jakomea* amarelo (pois há três espécies de espíritos *jakomea*: um amarelo, vermelho outro, e negro o terceiro). Aproximou-se em ponta de pé e flechou-o. Então *jakomea*, para castigá-lo, mandou crescer as águas. A água fazia "pof" e inundava a terra. Então aquele homem começou a fugir: correu à procura dos índios e começou a gritar-lhes:

– Fugí, fugí, a água vem contra nós.

Sempre fugindo, chegou à aldeia e começou a gritar:

– Fugí, fugí, porque a água se aproxima.

Correu à sua cabana, tomou de um tição aceso e com ele fugiu adiante das águas, subiu num primeiro morro até ao cume, e escalou um segundo e o cume de um terceiro.

Os índios não lhe deram crédito e quiseram ficar onde estavam; quando a água estava para alcançá-los, começaram a fugir, mas foram cobertos por ela e pereceram, e suas aldeias foram destruídas. A água matou também os pássaros, as feras e todos os seres.

Somente Jokurugwa vivia ainda, porque se tinha refugiado no cume do monte, onde sentou num pequeno espaço, o único que ficara enxuto.

Então olhou em volta e viu que as águas tinham coberto as selvas, as savanas e chegava até o monte; e subiam ainda; chegaram até o lugar onde ele se assentava e aí pararam. Então pegou uma pedra, abrasou-a no fogo que consigo trouxe e, tirando-a do fogo, arremessou na água que fez "xiu" e começou a diminuir; aqueceu outras e atirou-as de cá e de lá e a água cada vez mais descia, até tornar descoberta a planície. Então desceu do monte, dirigiu-se para a aldeia e assoviou, chamando os índios, mas ninguém respondeu ao seu assovio; ele disse:

– Pobre de mim! não acharei os meus companheiros; com certeza a água destruiu-lhes a aldeia.

Procurou e olhou, todavia, muito tempo em derredor e, finalmente, encontrou um pequeno rasto de um *pobogo*, "veado". Então assoviou novamente e o *pobogo* respondeu ao seu assovio.

Dirigiu-se para aquele lugar e ao pé de uma palmeira encontrou uma cerva encolhida no chão e dirigiu-lhe a palavra, dizendo:

– Certamente foste tu que respondeste ao meu assovio.

Ela respondeu:

– Sim, sim, fui eu que respondi, usando da palavra dos índios.

Então o índio desposou-a e teve muitos filhos e filhas: primeiro teve um filho que tinha a cara e as patas de cervo; depois teve uma filha com rosto humano, mas com pêlo em todo o corpo; depois teve um filho cujas mãos, pés e cabeça eram, como as nossas mãos, os nossos pés e a nossa cabeça, mas com manchas de pêlo curto; depois nasceu uma filha com um pouco de pêlo no peito e nas costas; depois um filho com apenas alguns pêlos na espinha dorsal. Os demais filhos e filhas nasceram todos sem pêlo algum. Então dividiu seus filhos em duas secções: a alguns considerou *exerae*, aos outros *tugaregue*, e estabeleceu que homens e mulheres *exerae* esposassem os *tugaregue* e os *tugaregue* aos *exerae*. É por isso que até hoje os índios fazem assim". COLBACCHINI, Pe. Antonio, ALBISETTI, Pe. César. *Os Bororos Orientais Orarimogodogue do Planalto Oriental de Mato Grosso*. São Paulo: Ed. Nacional, 1942 (Brasiliana, Grande Formação, 4). p. 200-1. Pouco adiante, à p. 261, na nota 1 – Lenda do Dilúvio, acrescenta: "Meriri Poro, antes de descer do monte, onde se salvara da inundação, enviou primeiro a pomba e depois o corvo, que não regressaram. Mandou por fim o papagaio *Kunno*, que voltou com um ramo verde no bico". Esta mesma lenda se encontra à p. 327-30 em língua bororo, com tradução interlinear. Em ALBISETTI, C., VENTURELLI, A. J. *Enciclopédia bororo*. Campo Grande, Publicação nº 2 do Museu Regional Dom Bosco. v. 2 (Lendas e antropônimos); da p. 3 a 23 encontramos outras versões dessa lenda.

3.2 *Jerígi-Otojíwi* – Antepassado chefe do subclã dos *Baádo Jebáge Cobugiwúge Cobugiwúge*, primeiro em ordem de dignidade de todo o clã. ALBISETTI, C., VENTURELLI, A. J. *Enciclopédia bororo: vocabulários e etnografia*. Campo Grande: Museu Regional Dom Bosco, 1962. v. 1 (Publicação nº 1, p. 689. No v. 2 *Enciclopédia bororo: lendas e antropônimos*, p. 271 a 300, os autores fornecem amplo material sobre esse chefe.

3.3 *Bapo-rogo*. COLBACCHINI, A, ALBISETTI, C. op. cit., p. 355 diz: "O ritmo dos cantos é notadamente acentuado pelos rumos ensurdecedores dos *bapos*, cabaças elipsoidais (tendo as dimensões 0,25 x 0,13cm, mais ou menos), vazias, contendo apenas sementes duras e fragmentos de conchas. Virada a cabeça para cima, seguram-na por meio de um cabo de madeira, com 7 ou 10 cm. Sacudindo-se a cabeça, as sementes produzem um rumor áspero e surdo. Outras cabaças menores são denominadas *bapo-rogo*."

3.4 *Aría* – "É a maior cerâmica modelada pelos bororos. Pode alcançar até 0m600 de diâmetro e tem quase a forma de um hemisfério. Não apresenta desenhos, saliências ou asas e suas paredes têm a espessura de 0m010. Quando nova é cinzenta com manchas escuras. No fogo é mantida em equilíbrio por meio de algumas pedras ou da própria lenha. É um utensílio muito precioso e, por sua natureza, difícil de se

carregar nas viagens." ALBISETTI, C., VENTURELLI, A. J., op. cit., v. 1, p. 93. Existem vários tipos.

3.5 *Kamo* – ... “espécie de grelha de forma quadrada; é feito com varas e suspenso sobre quatro paus com forquilha, fixos no chão. Ergue-se à altura de 80 a 100 cm, de modo que a chama não possa alcançar a madeira das travessas”. p. 38 ... “Com isto os índios chamuscam os peixes, seja para os cozinhar, seja para pô-los em estado de serem conservados, pois, algumas vezes, em pescarias felizes, acumulam quantidade de peixes superiores à necessidade diária”. COLBACCHINI, A., ALBISETTI, C., op. cit., v. 1, p. 38.

3.6 *Kamoréu* – “‘cama’, feito com quatro paus fincados no chão, aparecendo 30 a 40 cm, dispostos de modo a formarem os vértices de um retângulo; na extremidade dos dois vértices está fixada, com fortes cordas, uma vara resistente, formando um dos lados menores do retângulo, outro forte bastão, igualmente disposto, forma o segundo lado menor. Sobre esses, apóia-se um estrado feito dos fortes talos de folhas de buriti; tal colchão duro e pouco liso é coberto de esteiras ou de peles e serve de leito. Nas cabanas onde não se encontra o *Kamoreu*, os índios deitam-se em esteiras, junto do fogo”. COLBACCHINI, A., ALBISETTI, C., op. cit., p. 38.

3.7 *Pariko* – espécie de abanico, coroa ou diadema, semicircular, feito de penas de arara.

3.8 *Poári* – que o autor no texto chama de *zucchetta-ricordo*. “O *poari* é uma cabacinha em forma de frasco, furada no fundo e na extremidade, onde é introduzido um canudo no qual, com um corte longitudinal, obtém-se uma palheta flexível. Soprando-se dentro, produz-se um som mais ou menos agudo, que é o canto do *aroe*. Ao *poari* foram colocadas penas multicores, seguindo vários desenhos, que são feitos de acordo com o clã do defunto. Mediante um cordão pode ser preso ao pescoço à guisa de colar que cai sobre os ombros.” p. 156. Dois ou três dias após o enterro, um parente do morto dá o *poari* a um caçador, que terá então o dever de matar uma fera, como reparação. Ao matá-la, amarra o *poari* à fera morta. Ambos, a fera e o *poari*, são enviados aos parentes do morto. A pele da fera será seca e conservada; o *poari* guardado como recordação do morto. COLBACCHINI, A., ALBISETTI, C., op. cit., p. 156-7. A lenda da origem do *poari* está na p. 256-7.

Agradecimento

Agradeço o auxílio do Professor Sérgio Mauro.

Referências bibliográficas

- COLBACCHINI, D. A. *I Bororos Orientali "Oranimugugoge" del Mato Grosso (Brasile)*. Torino: Società Editrice Internazionale. s.d.
- COLBACCHINI, D. A., ALBISETTI, C. *Os Bororos Orientais Oranimogodogue do Planalto Oriental de Mato Grosso. Brasiliana*, São Paulo, Ser. 5, v. 4, 1942.
- LÉVI-STRAUSS, C. Contribuição para o estudo da organização social dos índios bororos. *Revista do Arquivo Municipal*, Departamento de Cultura, São Paulo, 27, 1936.
- DA SILVA RONDON, Gen. C. M. *Esboço gramatical e vocabulário da língua dos índios bororos*. (Conselho Nacional de Proteção aos Índios. Publicação nº 77). Rio de Janeiro, 1948.